

JORNAL: O JORNAL

LOCAL: GUANABARA

DATA: 13 / 6 / 1962 AUTOR: QUIRINO CAMPOFIORITO

TÍTULO: XI: IVAN SERPA

ASSUNTO: CAMPOFIORITO E MAIS UMA DAS SUAS
INSINUAÇÕES OU CRÍTICAS?

Artes plásticas

O JORNAL, 13 de junho
de 1962

QUIRINO CAMPOFIORITO

XI SALÃO: IVAN SERPA

Ivan Serpa, detentor do Prêmio de Viagem pelo País, no XI Salão Nacional de Arte Moderna, exhibe três telas, das quais uma só tem título coerente, que é "Linhas no Espaço". As outras duas receberam nomes que, com muita razão, deixam o visitante intrigado, e são "Joana d'Arc" e "23 Janeiro 1926".

O primeiro sabemos a que se refere, apenas não atinamos, diante da tela respectiva, a tradição de que veio à idéia de Ivan Serpa a lembrança da heroína

da França, que guiou exércitos e acabou queimada e por fim santificada. Talvez aquele quadro se chame "Joana d'Arc", assim como cavalos dos que correm nas pistas do Jockey Club, recebem os nomes de "Assis Brasil" ou de "Voltaire".

O grande estadista brasileiro, e devotado republicano que tão responsável atuação teve já na Constituinte, assim como o famoso filósofo francês (que aliás chamava-se François-Marie Aruet e tem Voltaire como ape-

lido), cuja obra visa tão trágicamente a moral social, têm ambos seus nomes hoje aplicados a animais de raça apurada. Serão homenagens dessas que ainda não chegamos a atinar bem, — se aos quadrúpedes tão estimados, ou se aos notáveis personagens dos quais são tirados, os nomes ilustres.

No caso do quadro do pintor Ivan Serpa, não saberemos igualmente distinguir bem se trata de um preito de admiração do artista pela heroína queimada e santificada ou se o nome histórico é pretexto para o autor homenagear sua própria obra. Títulos assim chegam a parecer denúncia de arrepios acadêmicos. Os piores pintores franceses do século passado, fizeram alegorias a Jeanne d'Arc. Na pintura brasileira é precisamente Pedro Américo quem se entusiasmou com o mesmo tema.

A data de "23 janeiro 1926", o segundo título extravagante, simplesmente aponta o nascimento do pintor. Ainda o complexo da alegoria, que pode marcar um estranho saudosismo num artista moderno, que soube desfazer-se de quanto preconceito artístico foi bravura, inclusive os títulos rebuscados, na pintura acadêmica do Séc. XIX.

Em geral, quanto pior era o quadro, mais rebuscado o nome que recebia. O literatismo que então diluía totalmente a compreensão do que fosse realmente pintura, exaltava a imaginação na hora de dar um nome a um quadro. Já não é bom lembrar o literatismo quando era buscado o tema.

Atualmente encontramos exemplo semelhante em Georges Mathieu, e em outros exibicionistas de igual quilate, dentre os quais Salvador Dalí. No fundo, são dois autênticos pintores acadêmicos, que inventam vestes modernistas das mais audaciosas e astuciosas, mas têm na cabeça apenas o sedício literatismo dos "cabaneis" e "louguereaux". Mathieu, sabemos, joga em meio minuto três pinceladas numa tela e dar-lhe-á um nome assim como "A Campanha de Napoleão no Egito".

Por tudo isto, e já é bastante, não encontramos razão para

Ivan Serpa, temperamento tão outro, imitar os dois desagradáveis exibicionistas de títulos... protestados.

Entre a obra concreta de Serpa e a sua atual fase de abstração livre, por ora preferimos a primeira. Parece-nos que o artista ainda não dá demonstração de todas as suas possibilidades de concepção e técnica, conforme se presenciava em muitas de suas composições concretas.

Não queremos dizer que não encontremos excelentes qualidades em suas telas feitas depois que mudou inteiramente de caminho. Das telas suas que vimos nesta fase, — algumas da sua última exposição no MAM e as três que seguiram para a I Bienal Americana de Cordova (Argentina), são as que mais nos convenceram sobre as possibilidades deste novo rumo. As que estão no XI Salão de Arte Moderna deixam por demais notar o rebuscamento de um rendilhado que se derrama monotonamente por toda a superfície do quadro, monotonia que só pode sacrificar o quadro quanto maiores forem as suas dimensões.

Em duas das telas agora expostas, chega-se a perceber o esquema inicial de um animal com a semelhança dos que conhecemos nas pinturas rubes-tres pré-históricas. Sobre esse esquema, linhas se somam talvez simulando os efeitos das superfícies que muravam as remotas cavernas. Será um tímido figurativismo que mais ainda põe em "cheque" aqueles pirilampejantes títulos.

Não percebemos, por ora, na nova pintura de Ivan Serpa, uma densidade plástica necessária, ou pelo menos muito exata pela sua significação formal, conforme reconhecíamos quando pintor concreto. Mas o nosso talentoso artista pesquisa e será justo esperar uma conclusão que convencerá. Por ora arrisca a cair naquele "bom gostinho" que ele próprio criticou certa vez, e com razão, em entrevista num vespertino. E recentemente uma frase sua, no catálogo da exposição do MAM: — "Cada artista no tempo tem sua dimensão de tempo e aí sua dimensão expressiva".